

**Resumo:** A Espiritualidade é patrimônio de todos os seres humanos, de todas as etnias e de todas as religiões. Porém, nem todos nos movemos dentro da mesma espiritualidade, nem com a mesma intensidade. A nossa experiência cotidiana nos leva a constatar que há espíritos e espiritualidades diversos e até mesmo contraditórios. Partindo desta constatação, o autor busca fundamentar, a partir do evangelho de Lucas, o caminho a ser percorrido como garante de uma sociedade justa e fraterna. Aprofunda a íntima relação entre as três tentações de Jesus e os três anúncios da paixão no terceiro evangelho. A questão central aqui lançada refere-se à tríplice dimensão do poder: a econômica, a política e a religiosa. A espiritualidade, com base nos ensinamentos e na prática de Jesus, constitui-se num "contra-discurso do poder". Revela-se pela capacidade de realizar as rupturas necessárias para manter a opção fundamental de fidelidade ao plano de amor de Deus. O ponto de partida desta opção é o lugar social das vítimas do sistema de poder dominante. Com esta gente, como fez Jesus, é possível percorrer o caminho do serviço mútuo em favor da vida digna sem exclusão...

**Abstract:** Spirituality is common to all peoples, races, and religions. But not all of them cherish the same goals and values. Christian spirituality based on the faith in Christ envisages life in common as influenced by internal motions that are different and even contradictory. Starting from an analysis of the Gospel of Luke the author seeks to establish a life in common based on justice and solidarity. Quite suggestive is the relationship between the narratives of the three temptations of Jesus and the three announcements of his sufferings as described in the third Gospel. A question arises as regards the triple dimension of the display of power: economic, political, and religious. Spirituality based on the teaching and practice of Jesus is then an outlook that is contrary to power. Its revelation manifests the ability to insert ruptures between power structures so as to stress the fundamental option for God's love. In this option is had the starting point in social reform. With the help of people engaged in social engagements for an improvement of human conditions arises the hope for a life without outcasts.

## **A espiritualidade no cotidiano**

### **a partir do Evangelho de Lucas**

*Celso Loraschi*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O Autor é Mestre em Teologia e Estudos Bíblicos, Assessor do CEBI e Professor no ITESC.



Somos chamados a ser completos. A plenitude de vida é a aspiração mais profunda que nos acompanha permanentemente. Por caminhos diversos procuramos pelo sentido de nossa existência e pelas condições favoráveis à nossa realização. Vivemos, na verdade, à procura de Deus. Esta busca é marcada por conflitos e inquietudes: são nossos companheiros de caminhada. As Palavras de Agostinho de Hipona correspondem a uma verdade que se constata na vida de cada ser humano: “Meu coração anda inquieto enquanto não repousar em ti, Senhor”.

A partir de nossa própria experiência vital nos reconhecemos como limitados, contingentes e efêmeros. Somos seres de relações, subordinados aos interesses da sociedade mais ampla. “Assim, a pessoa é como que uma maravilhosa conexão entre o universal e o particular. É a unidade constituída por um ser pequeno, mortal e frágil, e por valores espirituais do eterno, do universal e do infinito. Desse modo, a personalidade do ser humano se converte na base de seus direitos inalienáveis e no fundamento de sua dignidade”.<sup>2</sup> Daí decorre a especificidade e a importância de nossa vocação na história. O conhecimento e a vivência desta vocação se dá no caminho que denominamos de “espiritualidade”.

### Espiritualidade: patrimônio de todos

A espiritualidade, longe das concepções dicotômicas, é inerente a todo ser humano. “Mesmo as teorias chamadas materialistas, que não querem aceitar a espiritualidade da pessoa humana, sempre foram forçadas a reconhecer que existe em todos os seres humanos uma parte não-material. Existe uma dignidade inerente à condição humana, e a preservação dessa dignidade faz parte dos direitos humanos”.<sup>3</sup> Essa idéia se completa com a afirmação de que

*“o espírito não é algo que está fora da matéria, fora do corpo ou fora da realidade real, mas algo que está dentro, que habita a matéria, o corpo, a realidade, e lhes dá vida, os faz ser o que são; enche-os de força, move-os, os impele, lança-os ao crescimento e à criatividade num ímpeto de liberdade... O espírito de uma pessoa é o mais profundo de seu próprio ser: suas ‘motivações’ últimas, seu ideal, sua utopia, sua paixão, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia os outros.*

2 IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*, Ed. Paulinas, 1979. Verbetes: pessoa.

3 Idem, p. 9.



*Diremos, por exemplo, que uma pessoa ‘tem bom espírito’ quando é de bom coração, de boas intenções, tem objetivos nobres, veracidade. Diremos que ‘tem mau espírito’ quando más intenções a habitam ou paixões baixas a dominam...”*<sup>4</sup>

Espiritualidade, portanto, é patrimônio de todos os seres humanos, de todas as etnias e de todas as religiões. Porém, nem todos nos movemos dentro da mesma espiritualidade, nem com a mesma intensidade. A nossa experiência cotidiana nos leva a constatar que há espíritos e espiritualidades diversos e até mesmo contraditórios. Há pessoas que se deixam conduzir pelo espírito de ambição, de posse e de dominação; podem ter muita “espiritualidade”, mas de egoísmo.

Pela espiritualidade não só enfrentamos o mistério de nossa própria existência, mas também somos levados a optar por certos valores que qualifiquem a vida em todas as suas dimensões, acima das confissões religiosas, ritos ou dogmas. É uma questão de opção fundamental: ela define qual é o nosso absoluto. Orígenes dizia que “Deus é aquilo que alguém coloca acima de tudo o mais”. Por isso, a escolha de valores que fazemos para a nossa vida revela a quem ou a quê prestamos adoração: a Deus ou a ídolos.

Dependendo do espírito que move cada pessoa e cada família, cada grupo e cada comunidade, cada governo e cada instituição, cada movimento e cada organização social, há uma presença certa de salvação ou de condenação. O ser humano pode, então, manifestar-se como “homo sapiens”, capaz de cooperação, de veneração pela natureza e pelo universo, de relações justas e fraternas ou pode manifestar-se como “homo demens”, capaz de ser homicida, etnocida, biocida e geocida.<sup>5</sup>

Mais do que em outros tempos, frente à tensa realidade pela qual os povos e o planeta terra se encontram, as pessoas humanas se sentem desafiadas a colaborar na criação de caminhos novos que proporcionem paz e salvação. Felizmente, cresce a consciência de que estamos no mesmo barco. Ou acertamos a maneira de remar, de forma conjunta e organizada, ou vamos ao encontro do “iceberg” que nós mesmos criamos.

4 CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, J. Maria. *Espiritualidade da Libertação*, Ed. Vozes, 1993, p. 22s.

5 Cf. BOFF, Leonardo. *Princípio-Terra: a Volta à Terra como Pátria Comum*, Ed. Ática, São Paulo, 1995.



Ou cuidamos uns dos outros, e assim sobreviveremos na mesma Casa Comum, ou poderemos ir ao encontro do pior...<sup>6</sup>

### Espiritualidade: Deus se fez ser humano

A partir da fé cristã é-nos revelado um significado próprio das realidades em que nos encontramos. Assim se expressam Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil:

*“Deus não só criou o mundo e o fez cenário de sua salvação; não só criou o ser humano e o transformou num dos principais protagonistas dela, mas quis também se comunicar a esse ser humano mais plenamente para lhe tornar mais acessível e compreensível a salvação. Não só se revelou através da criação e da história, mas decidiu também se revelar à humanidade diretamente, pessoalmente. Em Jesus, Deus pronunciou sua palavra em carne, em sangue, em história, em morte e ressurreição... Nele Deus se revelou como o amor. Nele nos revelou o sentido e o fim da existência: a utopia do Reino. E se revelou a si mesmo pela trajetória de Jesus como a realização antecipada da plenitude da nova humanidade”.*<sup>7</sup>

Esta extraordinária (e nunca totalmente decifrável à lógica humana) revelação divina, nos insere numa dinâmica favorável ao pleno sentido da história de cada ser e de todos os seres; nos proporciona a intuição profunda dos motivos para viver e conviver em comunhão com tudo e com todos, no respeito e na veneração.

Acreditamos, portanto, que o Espírito de Deus, criador de todas as coisas e libertador de todas as formas de opressão, orienta e fortalece o espírito de todas as pessoas de boa vontade, empenhadas na construção de um mundo justo, fraterno e solidário. Temos a garantia, pela sua Palavra, de que seu Espírito nos é derramado de forma abundante e incluyente: *“sobre os filhos e filhas, sobre jovens e anciãos, sobre servos e servas”* (cf. At 2,17s, citando Jl 3,1-2); Ele nos é dado como protagonista da salvação de toda a humanidade.

*“E o que é mesmo salvação? Salvar é não deixar perdido: em se tratando de seres humanos, salvar é não permitir que fracasse o projeto de Deus na humanidade e em cada pessoa. Uma pessoa se perde, em termos re-*

6 Cf. BOFF, Leonardo. *Do Iceberg à Arca de Noé: o Nascimento de uma Ética Planetária*, Ed. Garamond Ltda, Rio de Janeiro, 2002.

7 CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, J. Maria, op.cit., p. 30.



*ligiosos, quando destrói sua capacidade de escolher e praticar a justiça, quando rejeita deliberadamente o chamado de Deus para se construir e transformar o mundo na direção do bem... Dizemos que Deus quer salvar o mundo e as pessoas porque ele quer vida plena, com tudo de bom, para a humanidade, a natureza e cada pessoa em particular”.*<sup>8</sup>

### Espiritualidade: contra-discurso do poder

Os testemunhos das primeiras comunidades cristãs, através dos diversos escritos, representam preciosas contribuições para a espiritualidade do seguimento de Jesus também para o nosso tempo. Ao ler, por exemplo, o Evangelho de Lucas, podemos constatar uma grande insistência no que se refere à necessidade de os discípulos se libertarem das amarras que impedem entrar livre e convictamente no caminho do Reino de Deus, centro da pregação e da prática de Jesus.

Esta insistência revela, com muita probabilidade, os problemas e desafios que afetam as comunidades de Lucas no tempo da redação de sua obra, pelo final do primeiro século. Situadas especialmente no mundo urbano<sup>9</sup>, com alta incidência de pessoas pobres e marginalizadas, estas comunidades enfrentam as conseqüências de estruturas sociais que proporcionam alta concentração de bens e de decisões nas mãos de uma minoria.

O poder, entendido como expressões de egoísmo e de dominação, em sua tríplice dimensão – econômica, política e religiosa –, é a causa primeira dos males que impedem o estabelecimento do Reino de Deus, cuja premissa fundamental é a vivência da fraternidade.

O poder sempre intrigou muitos pensadores. Já na Grécia antiga, Platão (428-347 aC) condenava a pleonexia: o desejo insaciável de mais

8 CRUZ, Therezinha M. L. *Este Mundo de Deus – Educar para a Espiritualidade do Cotidiano*, Ed. Paulus, São Paulo, 1999, p. 27.

9 Cf. MOSCONI, Luís. *Evangelho de Jesus Cristo Segundo Lucas*, Ed. Loyola, São Paulo, 1997, p. 22: “A palavra ‘cidade’ aparece 40 vezes (em Mateus, 26 vezes; em Marcos, 8 vezes). É pelas cidades que Jesus anda muito: ‘Devo anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus também às outras cidades...’ (4,43). E foi para as cidades que Jesus enviou seus 72 discípulos (Lc 10,1). Pessoas de todas as cidades iam até Jesus (8,4). Conforme Lc 5,12, Jesus cura um leproso dentro de uma cidade; fato estranho, porque leprosos não podiam ficar na cidade... Foi para a cidade de Jerusalém que Jesus tomou a firme decisão de ir (9,51); e é essa cidade que mata os profetas (13,34) e o maior dos profetas, Jesus de Nazaré (23,1-5)...”



poder, prazer e riqueza.<sup>10</sup> Thomas Hobbes (1588-1679) dizia: “Assinalo, em primeiro lugar, como tendência geral de todos os seres humanos um perpétuo e irrequieto desejo de poder e mais poder, que cessa apenas com a morte”.<sup>11</sup>

As relações de poder são também uma das principais preocupações de Jesus de Nazaré. Constituem-se num dos principais fios condutores de sua prática. A característica essencial que deve acompanhar os discípulos de Jesus é a capacidade de realizar as rupturas necessárias referentes ao poder em todas as dimensões, para que a opção pela proposta cristã seja livre e autêntica.

Ruptura e opção são duas palavras-chave que indicam a possibilidade real e cotidiana de aderir ou de renunciar ao caminho do Reino de Deus. Nesse aspecto, percebe-se uma ligação íntima entre o episódio das três tentações de Jesus e os três anúncios de sua paixão e morte. Aqui, os discípulos demonstram imensa dificuldade de superar o que lá Jesus enfrentou e venceu. Os discípulos, mesmo na companhia de Jesus, demonstram pelas suas atitudes que estão contaminados pela mentalidade do triunfalismo e da competição. É outro, porém, o caminho de Jesus.

### As rupturas necessárias

A narrativa das tentações de Jesus, em Lc 4,1-13, encontra-se imediatamente antes do início do seu ministério público e após o seu batismo. Lucas faz uso de uma linguagem simbólica para expressar realidades que, de outra forma, seria impossível descrever. Baseia-se em fontes literárias, especialmente a do Deuteronômio, que se refere às tentações às quais o povo de Israel foi submetido na caminhada pelo deserto: Dt 6,13.16; 8,2-3. “Não se exclui a possibilidade de que o recurso a essa fonte tenha sua origem em Jesus”<sup>12</sup>. Sua intenção é descrever antecipadamente “todas as tentações de liderança, poder despótico ou milagreiro que lhe sobrevirão a partir desse momento até a morte de cruz; a tríplice prova engloba todas”.<sup>13</sup>

10 Cf. GALLI, Marcelo. *As Tentações do Poder*, in: Revista FILOSOFIA Ciência & Vida, ano I, nº 02

11 Cf. BOFF, Clodovis. *O Evangelho do Poder-Serviço*, Publicações CRB, 1984, p. 29.

12 GEORGE, A. *Leitura do Evangelho Segundo Lucas*, Ed. Paulus, São Paulo, 1982, p. 25.

13 RIUS-CAMPS. *O Evangelho de Lucas – O Êxodo do Homem Livre*, Ed. Paulus, S. Paulo, 1995, p. 69.



O “diabo”, inimigo do plano de Deus para a humanidade (cujas expressões encontram-se dentro de cada um de nós como nas próprias estruturas sociais), convida Jesus a realizar sua missão por um outro caminho, procurando fazê-lo abandonar o tipo de papel que ele iria desempenhar como Messias sofredor. Jesus foi tentado a dar preferência a uma lógica criada a partir de intentos egoístas, à lógica da sabedoria divina. Assim escreve José Caravias:

*“As tentações nos dão a chave para compreender a fé de Jesus em sua dupla vertente de confiança no Pai e obediência à missão do Reino: o poder que controla a história a partir de fora ou o poder que emerge de dentro da história; o poder de dispor sobre os seres humanos ou o poder de entregar-se aos seres humanos. O verdadeiro e o falso messianismo são as duas possibilidades que se apresentam a Jesus para firmar concretamente sua personalidade”*.<sup>14</sup>

Ao superar, portanto, todas as propostas demoníacas, Jesus decide conscientemente abraçar a sua missão como cumprimento da vontade do Pai. “A renúncia em se impor ou impor qualquer outra coisa, por melhor que tal coisa fosse, reduziu Jesus à proporção de qualquer pessoa comum, cuja única arma é obedecer à vontade de Deus e, através dessa obediência, colocar-se a serviço do bem de todos”.<sup>15</sup> Desse modo, sua opção livre estabelece o modelo de resposta que todo ser humano é convidado a dar frente às tendências egoístas, tanto no nível pessoal como no social.

### Primeira ruptura: a dimensão econômica do poder

A primeira tentação de transformar pedras em pão indica a dimensão econômica do poder. Refere-se à orientação do sentido da vida na aquisição possessiva de bens materiais. A necessidade de prover o sustento necessário para o dia-a-dia pode nos levar à tentação de aplicar toda a nossa capacidade para garantir a segurança material em detrimento de todos os outros aspectos da vida.

Jesus, como ser humano, sentiu-se certamente atraído pela proposta de orientar toda a sua existência acumulando bens e gozando dos prazeres que os mesmos bens podem oferecer. Inclusive podia ancorar-se na “teologia da retribuição”, tão presente nos ensinamentos oficiais dos

14 Cf. CARAVIAS, José L. *O Deus de Jesus*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 21.

15 STORNILO, Ivo. *As tentações de Jesus*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1988, p. 45.



doutores da lei, legitimando a riqueza e o bem-estar físico como bênção divina. Porém, Jesus vai por outro caminho.

*“Essa perspectiva é repelida como inadequada, porque a vida que Cristo veio comunicar não pode ser reduzida ao puro e simples bem-estar do corpo nem à vida vegetativa e sensitiva... Arriscar ou até sacrificar a saúde física, e até a vida, para salvaguardar e desenvolver o próprio nível verdadeiramente pessoal de vida não é comportamento comum, mas exige amplitude e largueza de visão e coragem. O temor diante de qualquer perigo que possa ameaçar a própria segurança e prosperidade corporal tenta o ser humano a esquecer os valores pessoais mais autênticos”.*<sup>16</sup>

Jesus, com sua resposta de que *“a pessoa vive não só de pão”* (Lc 4,4), informa-nos a respeito da perspectiva essencial que deve conduzir todos os nossos passos. Essa perspectiva, de forma complementar, está contida na expressão de Mateus: *“Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será acrescentado”* (6,33). A palavra de Deus constitui a fonte e a autoridade de onde emana todo ensinamento capaz de realizar as aspirações mais profundas de cada um de nós; é alimento capaz de satisfazer a fome do coração humano, desejoso de inteireza e autenticidade.

### Segunda ruptura: a dimensão política do poder

A segunda tentação de apossar-se de todos os reinos do mundo indica a dimensão política do poder. Equivale à tentação da idolatria por excelência: adoração a Satanás. É posicionar-se como um ser divino com o poder de agir, de forma absoluta, sobre pessoas e bens. É a tentação de querer alcançar a felicidade suprema pela auto-afirmação.

Jesus, com certeza, confrontou-se com essa possibilidade de orientar toda a sua vida para angariar prestígio social e galgar cargos políticos que lhe conferissem força, lhe impusessem respeito e lhe proporcionassem todos os meios de dominação sobre multidões de pessoas. Ao rejeitar essa proposta, aponta para outra maneira de organizar a vida pessoal e social: fazer, cotidianamente, a vontade do Pai.

<sup>16</sup> NAVONE, J. in: FIORES, Stefano e GOFFI, Tullio de. *Dicionário de Espiritualidade*, Ed. Paulus, São Paulo, 1993, verbete: *Tentação*.



*“Nesta tentação Jesus revela a verdadeira origem do reino como dom do Pai ao Filho. O dom é referido à adoração, ao serviço e à obediência. O ‘pai da mentira’ põe tanto o dom quanto o serviço e a adoração em relação consigo mesmo, em vez de colocá-los em relação a Deus. Tudo o que Cristo faz, ele o faz porque é vontade do Pai; como consequência, toda a sua ação é litúrgica, consagrada e subtraída ao profano. ‘Por eles eu me consagro, para que também eles sejam consagrados na verdade’ (Jo 17,19)”.*<sup>17</sup>

A idolatria proporciona alienação e submissão aos desejos egoístas de pessoas, grupos ou instituições. O posicionamento de Jesus transforma-se no caminho de superação de todo servilismo. Coloca a Deus como único Ser digno de adoração, a quem se deve servir numa atitude de doação livre e consciente. Por isso, recusa todo poder terreno que confere domínio de uns sobre outros. Ele propõe e orienta toda a sua missão na organização de uma nova ordem social como realização da vontade do Pai. Revela, assim, a verdadeira origem do Reino de justiça, fraternidade e paz: é dom de Deus aos que O servem.

### Terceira ruptura: a dimensão religiosa do poder

A terceira tentação, de se lançar de cima do pináculo do templo, refere-se à dimensão religiosa do poder. O “pináculo” não poderia sugerir, além da parte física mais alta do templo, o cargo mais elevado na hierarquia do sistema religioso judaico? Esse caminho de poder, pela via religiosa, proporcionaria a Jesus prestígio e segurança muito especiais. A pessoa envolvida na “auréola” de uma espiritualidade legitimada pela ideologia do sistema religioso oficial, como era o caso do templo de Jerusalém, sente-se protegida pela “blindagem” que seu *status* religioso proporciona. Transforma-se numa espécie de ser intocável porque faz parecer que se movimenta num âmbito sobrenatural, que pode comunicar-se mais de perto com Deus ou que representa o próprio Deus no mundo.

Jesus, como judeu, do sexo masculino, cuja genealogia lhe garante a certeza de pertença à raça pura, com dons especiais que lhe conferem o título de rabino, poderia ter escolhido o caminho do poder religioso oficial. Ou também, como “Filho de Deus”, poderia fazer uso dessa prer-

<sup>17</sup> Idem.



rogativa e demonstrar ações maravilhosas e resultados magníficos aos olhos dos seus contemporâneos. Poderia “forçar” a obra da providência de Deus solucionando os problemas humanos e fazendo-o cumprir, de forma mágica, sua promessa de salvação para a humanidade.

*“Esta tentação constitui o ponto de encontro entre a lógica divina e a lógica da ‘racionalidade’ humana. Para a racionalidade humana existe e persiste a tentação de dar conselhos a Deus e de repreendê-lo pelos métodos que usa. O ser humano prefere agir a seu modo na prática do bem, e muitas vezes busca a solução mais espetacular. Mas, depois de haver preferido nossos julgamentos, antepondo-os à sabedoria divina que nos foi transmitida na revelação, recorremos a Deus para que exerça poderes extraordinários a fim de, por meio deles, remediar nossas necessidades”.*<sup>18</sup>

A resposta de Jesus, de *não tentar* ao Senhor Deus, informa-nos que a lógica humana deve submeter-se à lógica divina e não o contrário. A vontade do Pai, de forma desconcertante, manifesta-se no caminho da obediência de seu Filho até a morte de cruz. Com isso cai por terra toda presunção de querer usar a Deus para a vanglória humana.

### A opção conseqüente

As rupturas realizadas por Jesus em sua vida são atitudes coerentes com a missão que Ele abraça. Ao dizer seu “não” definitivo ao poder em sua tríplice dimensão, Jesus lança-se por inteiro no seu ministério de evangelização junto às vítimas dos sistemas dominantes. Lucas sintetiza esta opção de Jesus em 4,18-19. Ungido pelo Espírito Santo, assume a causa de libertação dos pobres, presos, cegos e oprimidos. São quatro categorias sociais sinalizando a totalidade das pessoas excluídas. A essa gente Jesus pronuncia seu “sim” definitivo.

É o início de uma grande caminhada na qual Jesus demonstra seu afastamento das estâncias detentoras do poder, cujos agentes o vigiam, o perseguem e o ameaçam até condená-lo à morte. Nada, porém, o afasta do serviço assumido com convicção, junto aos empobrecidos, através de ensinamentos e ações, abrindo caminhos que proporcionem vida digna sem exclusão. A realidade das pessoas pobres está presente como

18 Ibidem.



princípio, como aquilo que continua atuante no processo da prática de Jesus, orientando seu pensar e motivando sua finalidade.<sup>19</sup>

Carlos Mesters sintetiza assim os objetivos da prática de Jesus:

*“Em todas as atitudes de Jesus, o objetivo não é simplesmente contestar por contestar, mas contestar as lideranças falsas que usavam o seu poder para manter a vida presa e oprimida... Seus gestos e suas palavras revelam uma nova visão das coisas, um novo ponto de partida, uma nova ordem. Não é uma nova ordem no sentido de Jesus oferecer um programa concreto de ação política ou social, mas ele oferece e propõe alguns pontos básicos que devem inspirar e renovar pela raiz todo o relacionamento entre os seres humanos, em qualquer tipo de organização em que estiverem”.*<sup>20</sup>

A espiritualidade dentro da qual se move Jesus é cultivada na intimidade com o Pai, cuja vontade se torna seu alimento cotidiano (Jo 4,34). Fazer a vontade de Deus corresponde ao amor preferencial pelo próximo necessitado. Toda a sua prática revela um messianismo transgressor das expectativas oficiais, pois Jesus não se submete ao sistema legalista judaico dentro do qual o Messias deveria conformar-se; também não satisfaz as expectativas populares, visto que Jesus não cede aos apelos que sugerem adesão a algum tipo de populismo ou assistencialismo.

### As condições para seguir a Jesus

Lucas faz questão de descrever, de forma insistente, o quanto está sendo difícil para os discípulos compreenderem quem realmente é Jesus. Contaminados pela ideologia do poder econômico, político e religioso, não conseguem assimilar a idéia e, muito menos, a prática de um Messias pobre, servo do Pai e dos pequeninos. A concepção triunfalista de Messias tomou conta do coração dos discípulos e não será fácil superá-la. Precisam ser curados de sua cegueira. É o que Jesus vai tentar, de modo especial, através dos três anúncios de sua paixão e morte.<sup>21</sup>

19 Cf. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia – Descer da Cruz os Povos Crucificados*, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1994, p. 49.

20 Cf. MESTERS, Carlos. *A Prática de Jesus*, CEBI, Belo Horizonte, p. 15.

21 Cf. ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, p. 62s. Os anúncios de Jesus não constituem evasão. Não remetem pura e simplesmente a outro mundo que paire por cima deste mundo. Refletem e assumem as tensões que dividem a sociedade e colocam em conflito os diversos grupos que a compõem.



A insistência de Jesus de revelar-se como Messias servo e sofredor contrapõe-se à insistência do diabo em tentar Jesus para que se revele como um Messias forte e poderoso. Contrapõe-se à lógica comum de superioridade e de comando. Há, portanto, necessidade de aprofundar as condições para seguir a Jesus.

### Primeira condição: romper com a dimensão econômica do poder

Não é por acaso que o primeiro anúncio (9,22-26) se dá logo após a profissão de fé de Pedro, em companhia dos demais discípulos. Ele prontamente responde à pergunta sobre a identidade de Jesus: “*Tu és o Messias de Deus*”. A resposta, teoricamente correta, provoca a advertência severa de Jesus para que isto não se espalhe. E faz o primeiro anúncio de sua paixão e morte como tentativa de desmonte do messianismo distorcido que se encontra na visão dos discípulos.

As instruções que vêm logo a seguir demonstram claramente a preocupação de Jesus de eliminar pela raiz a pretensão de absolutizar os bens criados como forma de salvar a própria vida: “*Com efeito, que aproveita ao ser humano ganhar o mundo inteiro...?*”. Este caminho de poder, pelo viés econômico, foi a proposta diabólica expressa na primeira tentação de Jesus. A renúncia a esse caminho é condição “sine qua non” para o seguimento de Jesus.

### Segunda condição: romper com a dimensão política do poder

O segundo anúncio da paixão (9,43b-48) se dá após o relato da cura de uma pessoa transtornada por um mau espírito (demônio) que a derruba, a violenta e a dilacera. Todos ficam admirados com o que acabam de ver. O ambiente certamente é bem favorável para elevar a fama e o poder de Jesus. Deve ser esta a intenção do povo. Mas Jesus, imediatamente, fala aos discípulos para abrirem bem os ouvidos e prestarem atenção ao que Ele vai dizer. E anuncia que irá ser entregue. Os discípulos novamente manifestam que não compreendem estas palavras. Tão grande é a sua incompreensão, que logo começam a discutir sobre “quem deles seria o maior”.

Charles L’Eplattenier diz que esta “é a ocasião de aprofundar a exigência da renúncia a si mesmo, enquanto vontade de poder ou vaidade



pessoal, com este julgamento de Jesus que inverte os valores habituais: ‘*Aquele que no vosso meio for o menor, este será o maior*’. As palavras referidas aqui são portadoras de significação complexa: junto com o tema do abaixamento é anunciado o da ‘acolhida dos pequenos’, que será também retomado logo depois”.<sup>22</sup>

De fato, Jesus aprofunda sua instrução tomando uma criança como modelo. Desse modo, Ele demonstra sua preocupação de eliminar a pretensão de domínio de uns sobre outros. Esse caminho de poder, pelo viés político, foi a proposta diabólica expressa na segunda tentação de Jesus. A renúncia a esse caminho é condição “sine qua non” para o seguimento de Jesus.

### Terceira condição: romper com a dimensão religiosa do poder

O terceiro anúncio se dá no contexto da caminhada rumo a Jerusalém. Em Lc 9,51 percebe-se o momento exato em que Jesus decide resolutamente pôr-se a caminho para a capital, centro político-religioso do judaísmo. Caminha na direção do templo para denunciá-lo como uma instituição que instrumentaliza a “casa de Deus”, transformando-a em “covil de ladrões” (19,45-46).<sup>23</sup> E é dentro do templo que Jesus ensina com toda a liberdade, atraindo a atenção do povo e a rejeição crescente dos líderes religiosos. Vão-se cumprindo, assim, os termos dos anúncios de sua paixão e morte.

Precedido pela promessa de recompensa aos que deixam tudo “por causa do Reino de Deus” e sucedido pela cura do cego de Jericó, o terceiro anúncio da paixão (18,31-34) revela a necessidade de cura da cegueira ideológica da qual estão acometidos os discípulos. Pela sua ação profética no templo, e pelos seus ensinamentos dentro dele, Jesus desbarata o sistema teocrático com sua pretensão de manipular a Deus

22 L’EPLATTENIER, C. *Leitura do Evangelho de Lucas*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1993, p. 100.

23 Concorro aqui com Josep Rius-Camps (op.cit., p. 179) que considera Lc 9,51 uma nova seção que vai terminar “com a denúncia proferida por Jesus contra a instrumentalização da casa de Deus num covil de bandidos (19,46)... É conhecida em geral como a seção do caminho da Galiléia a Jerusalém. Com efeito é marcada pela decisão irrevogável que Jesus tomou de enfrentar a instituição judaica (9,51) e pela consequente denúncia do sistema teocrático judaico em seu centro nevrálgico, o Templo (19,45-46).



e a consciência do povo. Esse caminho de poder, pelo viés religioso, foi a proposta diabólica expressa na terceira tentação de Jesus. A renúncia a esse caminho é condição “sine qua non” para o seguimento de Jesus.

### Concluindo

Rupturas e opções marcam a trajetória da missão de Jesus de Nazaré. Sua espiritualidade é ancorada na vontade do Pai, sempre cultivada na oração e na contemplação, inserida na realidade das pessoas excluídas, vítimas do sistema dominante econômico, político e religioso. Essas vítimas, porém, não são meramente objetos de compaixão. Com elas Jesus conta como agentes de uma nova ordem social que se fundamenta na partilha dos bens segundo a necessidade de cada um, na organização política de inclusão a partir da base e na submissão à vontade amorosa de Deus que não descansa enquanto não encontra uma só ovelha que se extravia (Lc 15,4-7). É a opção fundamental pela defesa e promoção da vida digna, sem que ninguém fique fora dela.

Somente essa opção representa o caminho do poder-serviço que vem de Deus e dos pequeninos. “A atitude de serviço e de partilha é o exercício autêntico e humanizante do poder porque é, ao mesmo tempo, a negação da idolatria e, conseqüentemente, o ato de adoração ao Deus vivo e verdadeiro. Ou seja, a experiência antropológica do poder é, necessariamente, a experiência teológica, isto é, a experiência de Deus ou dos ídolos”.<sup>24</sup>

Os discípulos entenderão mais tarde que tipo de Messias é Jesus. Deixar-se-ão inundar pelo mesmo Espírito que animou Jesus e, com toda a ousadia, continuarão a sua obra de Evangelização, como nos relata o livro de Atos dos Apóstolos, o 2º volume da obra de Lucas. É acertada a consideração de Sebastião Armando G. Soares, ao dizer que

*“a palavra da Cruz provocará uma inversão (ressurreição) ao revelar que as pessoas e categorias impotentes (sem poder) e ignorantes (sem saber) são, na verdade, as que suportam e carregam o peso da vida e da organização da sociedade (‘força de Deus’, poder real) e têm a ‘ciência’ da vida (‘sabedoria de Deus’), consciência das condições reais da vida, por sua intimidade com a dureza da existência”.*<sup>25</sup>



Assim, Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, torna-se esperança viva de um mundo transformado. Torna-se inspiração e modelo de um caminho alternativo possível de ser trilhado por todas as pessoas de boa vontade. Tudo muda quando se toma consciência de que o Senhor e Salvador se fez escravo e, fiel às suas convicções, morreu pendurado numa Cruz. Segui-lo é tornar o nosso cotidiano, nos mínimos gestos, tempo propício de construção do Reino de fraternidade, justiça e paz.

### Endereço do autor:

R. Francisco Goulart, 103 / Apto. 303

Bairro Trindade

88.036-600 – Florianópolis – SC

E-mail: qtzl@ibest.com.br

24 SOARES, Sebastião A.G. in: DIETRICH, Luiz J. (org.). *Ser é poder*, CEBI (São Leopoldo) e Paulus (São Paulo), 2002, p. 20.

25 Idem, p. 20.